

VISÃO PERPÉTUA
(1982)

“NÃO HÁ NADA QUE CANSE ESTAS CRIANÇAS”

Monica Figueiredo*

Em 1978, ano da morte de Jorge de Sena, estreava no Rio de Janeiro a Ópera do malandro, musical assinado por Chico Buarque de Holanda. Em uma de suas inesquecíveis cenas, Duran e Vitória, em dueto, cantam “Uma canção desnaturada”, espécie de lamento amaldiçoado dedicado a uma filha – Teresinha – que, já adulta, insiste em tomar o destino nas próprias mãos, apesar dos avisos dos pais que pressentem a cilada que ela criou para si ao se apaixonar de maneira irremediável pelo malandro Max. Ao fim do violento e doloroso desabafo, Vitória e Duran concluem: “Pelo cordão perdido/ Te recolher pra sempre/ À escuridão do ventre, curuminha/ De onde não deverias/ Nunca ter saído”. A *verbalização* do desejo de *desnasc*er uma filha parte de um casal de marginais (ele um cafetão, ela uma velha prostituta) que, de dentro da boêmia carioca dos anos 40, poderiam impunemente desejar não ter dado à vida a uma vida, ou como diz a canção: “Se fosse permitido/ Eu revertia o tempo/ Para reviver a tempo/ De poder/ Te ver as pernas bambas, curuminha/[...] Eu te negar meu colo [...]/ Ignorar teu choro/ E só cuidar de mim”. Duran e Vitória são a escória que destoa da normativa família burguesa e, por isso, podem humanamente assumir que entre pais e filhos amor e ódio são tudo o que existe e resiste.

Todavia, como amar e/ou odiar filhos, como não suportar crianças quando se é casado por longos anos com esposa devotada, pai de nove herdeiros e chefe de uma família capaz de ilustrar qualquer cartão de natal? Subverter as trapaças que nos impõe o real é para grandes poetas e foi por isso que Jorge de Sena tão contundentemente o fez! Em “Não há nada que canse estas crianças” (In: *Visão perpétua*, 1989), poema de 1965, o que temos é um violento desabafo, que acerta em cheio nossa suscetibilidade ao pôr diante dos olhos do leitor uma verdade sempre adiada quando se pensa em filhos:

“E porque hei-de fingir que os amo como gente,/ se ninguém pensou nelas para serem feitas?/ E porque hei-de aceitar que seja amor/ este teimoso orgulho de ter crias?”

Já disse algures que nada me comove mais do que a violência que lateja nas linhas da escrita de Jorge de Sena. Em se tratando de crianças e de infância não há mediação que suavize a terrível experiência que é estar à deriva, nas mãos da vontade alheia, sempre representada por poderes patriarcais e autoritários, metonímias de uma pátria perdida em exílios. É assim em “Homenagem ao papagaio verde”; é assim em “Choro de criança” (In: *Os Grão-Capitães – Contos*, 1982). No avesso de qualquer visão utópica, Jorge de Sena constrói um mundo sombrio em prosa e em poesia onde a infância estará sempre ameaçada e as crianças não serão necessariamente frutos benditos, antes são seres primitivos e nunca *nossos*, mas *outros* e, por isso, “Não há nada que canse estes animais/ que amamos com tédio, e pelos quais tememos/ o futuro a morte, ou mesmo os olhos deles”.

Ao fazer de sua poesia um exercício de testemunho da condição humana – capturada dentro de um devir histórico que o poema sempre impõe como matéria de análise crítica – é a miserabilidade dos sentimentos escondidos que ganha a boca de cena, fazendo com que o eu lírico consiga olhar para o cotidiano banal que o cerca, o asfíxiante e entediante dia-a-dia, e perceba para além dos afetos que somos obrigados a simular ou a ter: “É horrorosa esta energia indomável,/ sem graça e sem encanto, que deleita e baba,/ os que fazem mentalmente os filhos que não querem ter/ ou que não podem ter, ou que perderam.” Este olhar desmistificador que tem o Poeta – conhecedor que é de caminhos que vão do corpo da pátria ao corpo da mulher amada –, pode vislumbrar para além dos acordos sociais e, por isso para ele, crianças são seres cuja animalidade ofende a inteligência refinada de quem vence a bruteza dos dias com o requinte de versos: “Eu sei que é a vida –, oh sim, a vida –/ manifestando-se nesses uivos, neste gosto/ da

grosseria, da brutalidade, e de andar sujo,/ despenteado e descalço, o gosto/fascinante e medonho da degradação.”

Há nas crianças, alguma coisa de “inhumana”, pois são o que resumidamente o Poeta considera exemplo de “dissipação de um passado selvagem/ que a cada hora espreita nos tranquilos gestos”; todavia o que há de animalidade em seres que “gritam, pulam, brigam” amadurecerá e “apenas um ou outro, menos bruto” será capaz de se libertar da desvalida condição humana, liberdade de que desfrutam os olhos lúcidos de um Poeta que nunca duvidou que *saber* é uma vitoriosa forma de resistir/existir.

* Professora Associada de Literatura Portuguesa nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação na Faculdade de Letras da UFRJ. Autora de *No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção* (2011); *De vencedores vencidos: Machado & Eça num encontro* (2013) e de *Eça de Queirós e a danação do olhar* (no prelo). Pesquisadora do CNPq.